

Um tesouro verde resiste no Planalto

Apesar da ação predatória do homem, flora do Distrito Federal tem espécies raras e de grande utilidade para a vida humana

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do Correio

Que os olhos vêem, nem sempre a ciência reconhece ou a gente sabe em que aplicar. Acontece isso com boa parte das plantas que compõem a flora dos diversos tipos de cerrado que ocorrem no quadrilátero do Distrito Federal. Muito do que esses solos produzem é desconhecido e acaba desaparecendo sem que seu potencial seja aproveitado. Isso já aconteceu antes que se disseminassem o conhecimento e a preocupação com a preservação do meio ambiente e, pior, continua ocorrendo a cada dia, com a expansão urbana acelerada, sem o devido cuidado com a preservação das espécies.

Os levantamentos da florística no Distrito Federal vêm se sucedendo ao longo dos anos. O último, publicado em 1993, está desatualizado. Segundo a pesquisadora Taciana Cavalcante, do Centro Nacional de Pesquisa de Recursos Genéticos e Biotecnologia, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Cenargen/Embrapa), naquele levantamento foram catalogadas 185 espécies de orquídeas. "No trabalho atual, já catalogamos 230 espécies", diz.

Essas orquídeas representam pouco, quando se pensa em dados que apontam variedade de 2.042 espécies de plantas superiores (fora os fungos, líquens e outros) nativas do cerrado. "Algumas delas são encontradas apenas aqui", afirma Taciana. O mesmo ocorre com exemplares da família das litráceas (da qual a henna, usada em tinturas para cabelo, faz parte) e outras.

Dos usos para esse celeiro vivo, estão catalogados 14, e aumentam à medida que a ciência evolui. Um dos aspectos importantes de existir

um catálogo atualizado dessas plantas é justamente mostrar a disponibilidade de material orgânico e genético para os diversos fins. Outro é o da necessidade de conservação.

Segundo a pesquisadora Alba Evangelista Ramos, do Jardim Botânico de Brasília, a literatura especializada cita 34 espécies raras ou ameaçadas de extinção que ainda sobrevivem no Distrito Federal. Entre elas estão a aroeira, a arnica e o jequitibá.

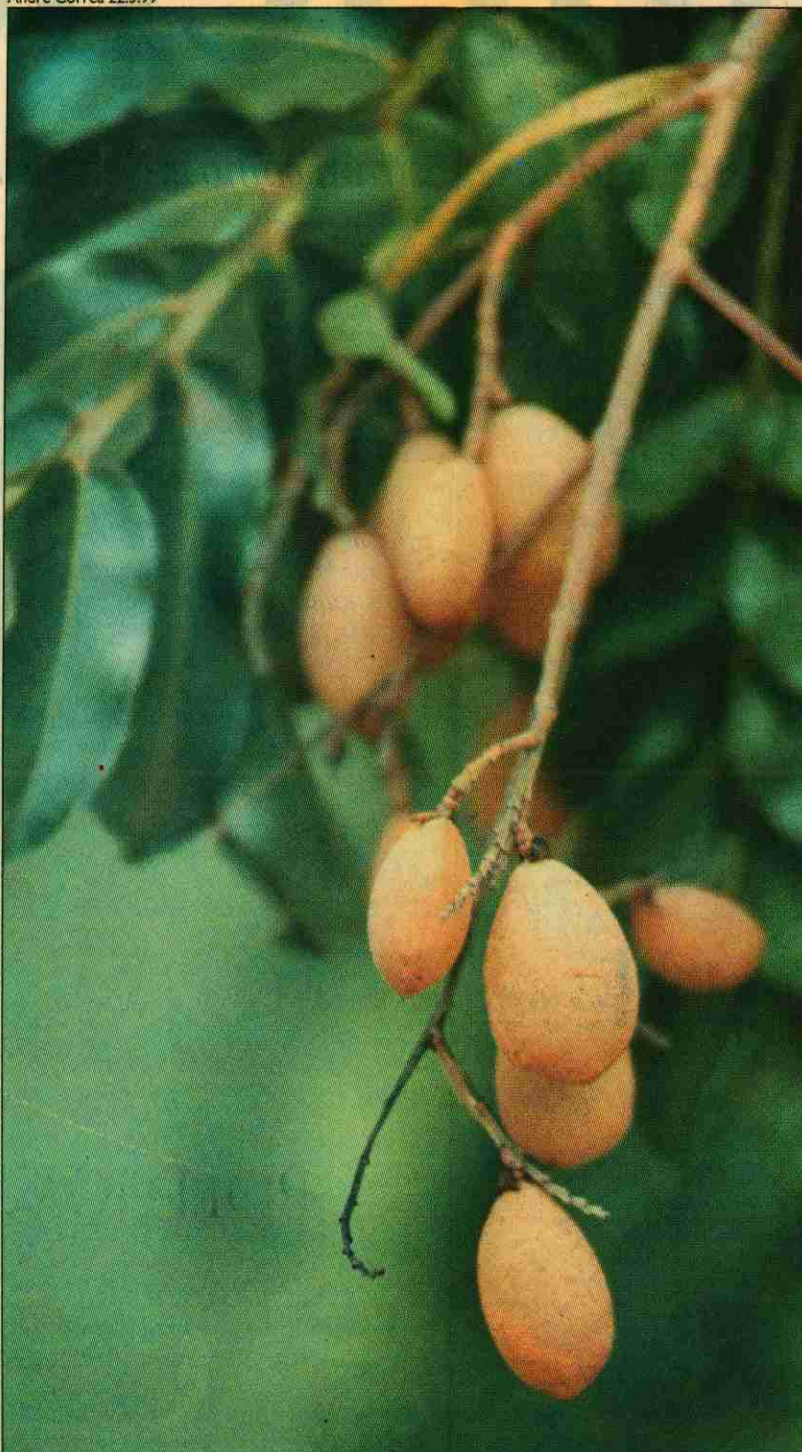
DA BOTICA AO FOGÃO

As receitas da vovó para dor de barriga e males diversos parecem obsoletas para muitos dos cidadãos do mundo globalizado e pós-moderno. Estão completamente enganados. O princípio ativo do bom e velho chá de quebra-pedra, por exemplo, está sendo patenteado na Europa. E aqui, o negócio dá como mato. Como é mato, não se pensa em tirar proveito econômico. O capinzinho só é lembrado no meio de uma crise renal — mas ninguém nem sonha que um dia só vai encontrar o quebra-pedra nas prateleiras das farmácias, transformado em comprimido e vendido a peso de ouro.

O aproveitamento econômico das espécies não se restringe ao ramo farmacêutico. Existem nos cerrados diversas plantas de raízes bulbosas, muito fáceis de se comercializar porque a raiz é bastante durável, que seriam muito aceitas até no mercado internacional, pois são diferentes das plantas cultivadas em outros cantos do mundo e que ainda nos damos ao trabalho de importar de outros países.

Na alimentação, fora o pequi e a cagaita, outras plantas, como o baru (*Dipteryx alata*) têm grandes possibilidades de uso. Dessa árvore aproveitam-se os frutos. A polpa

André Corrêa 22.3.99



Baru (*Dipteryx alata*): polpa e frutas são usadas para a alimentação

serve para a alimentação humana e animal. A semente tem sabor semelhante ao do amendoim. Rende pé-de-moleques e paçoca doce.

O que não falta é potencial de uso para raízes, caules, cascas, flores, frutas e sementes. Na cozinha e

nas oficinas, o experimentalismo amador já consagrou o uso de muitas dessas plantas. Com o devido preparo científico e investimento tecnológico, laboratórios locais poderiam até rivalizar com os estrangeiros.

SÃO TIRO E QUEDA

Pau-santo
(*Kielmeyera coriacea*)

Onde nasce
Campo sujo, cerrado, cerradão mesotrófico e distrófico. A florada vai de setembro a janeiro e a partir de novembro já se encontram os frutos, que amadurecem lentamente.

Para que serve

A árvore tem grande valor ornamental e a espessura de sua cortiça varia de dois a três centímetros. Na medicina popular, a casca é usada em garrafadas das quais se tira uma resina amarela considerada tônica e emoliente — é usada contra dor de dente. Na tinturaria, as folhas servem para produzir tinta verde; da casca se obtêm cores ganga-vermelho, ganga-roxo e pardo-escuro.



Catuaba
(*Anemopaegma arvense*)

Onde nasce
Cerrado

Para que serve

O pequeno arbusto pode ser usado como planta ornamental em arranjos secos. Frutos e sementes são usados no artesanato floral. O uso medicinal é largamente difundido — atribui-se valor afrodisíaco à garrafada com as folhas e raízes em infusão de aguardente. Por esse aspecto de seu uso, a planta também é chamada verga-tesa.



Arnica
(*Lychnophora ericoides*)

Onde nasce
Campo rupestre e cerrado de altitude.

Para que serve

Foi constatado o alto poder antiinflamatório desse arbusto. Medicinalmente, a infusão de pedaços da planta em álcool tem sido usada externamente em ferimentos e contusões. Pomadas também são preparadas com ela. Até a indústria de cosméticos tem usado a arnica na fabricação de sabonetes indicados para eliminar asperezas e rachaduras na pele, além de suavizar hematomas.

